

O Joven Naturalista

Omne tulit punctum, qui miscuit utile dulci.
Lectorem delectando pariter que monendo.
(Hor.)

PUBLICADO PELA SOCIEDADE PROPAGADORA D'UTILIDADE E RECREIO.

N.º 13.

QUARTA FEIRA 10 DE JUNHO

1840.

AOS SRS. ASSIGNANTES.

Estamos inteiramente convencidos do desgosto, que terá causado huma tam morosa sahida aos nossos n. 12 e 13. E como nos attreveremos nós a negar a rasam, que para isso existe? De nenhuma sorte; e somente, narrando a historia de tanto empate, poderemos desculpar-nos de huma maneira vantajosa. Parece, que algum genio adverso tem sido empenhado em tal morosidade! Cessou o impedimento do Director da empresa, alguns dias foram mister para arranjos, mas sem que estes prejudicassem sensivelmente o andamento da redacçam. Commçou-se o Periodico em a primeira typographia, por desarranjos internos passou a segunda e por mudanças veio a terceira: os desarranjos, que sempre causam mudanças, retardáram a sahida do n. 13, e esperavamos, que na 4.ª feira os poderíamos distribuir; mas nam foi assim: foi necessario perder tempo, ager até exasperar para que ainda não hisse. Alem d'isso a melhoria, que desejamos faser em todos os objectos, e que servisse de norma aos trabalhos futuros, tambem contribuiu d'alma sorte. Esperámos porem, que á vista dos ultimos numeros nossos dignos assignantes seram satisfeitos, e confiarão, em que forcejâmos para pôr em dia e andamento regular nosso periodico com a possivel brevidade, e que de huma vez vam desaparecer todos esses inconvenientes.

Responderemos particularmente a expressões amargas, com que se têm dignado brindar-nos alguns Srs. em suas correspondencias; e por agora nos contentâmos em responder-lhes, que os RR do J. N. ainda nam perdêram o Norte da boa-fé, e que, quando haja carencia de meios para progredir faram exforços e rogaram o zelo de seus assignantes, ou terminaram sua tarefa abrindo desde logo a restituicãm do, que a cada hum dos seus assignantes ficarem devendo, reservando para si só e unicamente os trabalhos — os sacrificios — os exforços e a perda dos dinheiros, que para levar ávante seus desejos têm despendido. Advertimos a tales Srs. pela ultima vez, que somos pobres em bens da fortuna; mas ricos d'honra e pundonor, e inimigos de çugar o suor alheio.

Os RR.

PHILENO E DELIA.

(Do numero antecedente)

Convencu-se o pay de DELIA da existencia d'hum mal, a que nam era dabil remediar-se por vias, que lhe fossem inteiramente gratas: mas ainda que reputasse hum desar de familia o ver-se unido por afinidade a Phileo, sempre isso lhe era menos desairoso do que o ferrete, que hia offuscar sua reputaçãm, e assim elle se resolveu a propor a Phileo a uniam com sua filha. Este perém, para quem a liberdade, ou antes a libertinagem, era mais tida em conta do que a honra, nenhuma resposta deo, e, pedindo a seus tutores os meios indispensaveis, se poz fora da cidade sob o pre-

texto d'hir viajar. Nesta conjunctura o fel da desgraça se espalhou no coração da honrada familia de Delia, esta deo á luz huma menina, que o pay fez criar clandestinamente a rogos da desgraçada; porem a falta nam pôde assim mesmo viver occulta, pois que o malevolo Phileno, tam incapaz de huma acção nobre como de guardar o segredo de suas seducções, tinha espalhado pelos mais companheiros da dissoluçam a noticia de seu desalmado triumpho. A falta da misera victima foi divulgada por toda a parte, os pays de Delia nam poderam deixar de perecer hum apoz d'outro, victimas do desgosto, a infeliz chamou para a sua companhia o innocente fructo do seu erro, e, redusindo a numerario toda a sua herança, foi habitar huma casa de campo perto d'outra terra assaz distante da, que fôra sua patria, resolvida a acabar ali seus dias entre a dor e o remorso; por quanto estava convencida, de que fôra ella a causa (ainda que indirecta) da morte de seus charos parentes. A sorte desgraçada de Delia e sua familia, e os signaes d'arrependimento d'aquella tocáram bem profundamente a compaixam de todos os seus conterraneos; Phileno foi olhado geralmente como hum monstro desnaturado de sorte, que elle nam ousaria de futuro pisar a terra, em que nascêra, sem expor-se a ser victima da vingança dos amigos da familia da sua victima: assim elle, advertido pelo seu tutor, formou a intençam de nam mais ali tornar. Correo varias terras do reyno sempre corrompido e entregue a todo o genero de dissoluçam, e por fim, depois d'haver estragado toda a sua legitima, ei-lo hum desgraçado, cheio de vicios urgentes, e sem os meios necessarios para satisfazê-los. Sam indisiveis os meios, de que lançou mam para satisfazer tantas necessidades; e tam somente observaremos, que depois d'hum encadeamento de desgraças, que por 15 annos o vexáram elle deu graças ao ceo por encontrar huma negociante, antigo amigo de seu pai, que, compadecido da sua miseria, o recebeu em sua casa, occupando-o em algumas contabilidades do seu trato. As desgraças porem nam haviam pesado sobre Phileno sem algum resultado; elle nam era já aquelle joven dissoluto d'algum dia, e talvez hoje causaria compaixam e affecto aos, que entam o odiáram. Vio o negociante, depois de varias experiencias, que Phileno se tornára digno de huma sorte mais docil, e assim lhe propoz hum meio de negociar por sua conta, attendendo a que fora o pay d'aquelle, quem lhe proporcionára igualmente a elle o principio da riqueza, que possuia; e de esta sorte Phileno se vio com huma fortuna prospera em pouco tempo.


Delia em hum sitio, onde sua vida anterior

e familia era ignorada, passava ali por huma senhora viuva, e pelo exemplo da ternura maternal e da virtude. A educaçam, que ella dava á sua familia, e as prendas virtuosas d'esta as tornavam ambas o ornamento das bellas sociedades, ainda que Delia as frequentasse mais por satisfazer aos rogos das pessoas amigas e obzequiasas, do que por satisficam propria. Philida (este era o nome da filha de Delia) tocava já a idade dos quinze annos, e apesar de suas virtudes e do respeito para com sua mãy, elle teve occasiam de ver hum homem, que, supposto contasse mais de 35 annos d'idade e tivesse em sua physionomia alguns indicios d'antigos sofrimentos, era bastante esbelto e suas maneiras cheias d'atraçam e ternura, mixturadas d'hum certo ar de sinceridade: Foi em huma companhia que Philida vio este homem, hum certo rasgo de sympathia mutua brilhou no coração d'ella e do desconhecido (cujo nome era Eduardo) apesar da desigualdade sensível de suas idades. Foi este talvez o unico segredo, que a bella filha nam se atreveo a descubrir á terna mãy, antes procurava com cautella corresponder ás cartas d'Eduardo. Eduardo chegou sem duvida a amar ternamente Philida, ella possuia huma fortuna mediocre, e assim lhe propoz, que, se ella sinceramente o amava, permittisse, que elle fallasse a sua mãy do casamento. Philida lia esta carta com aquelle enthusiasmo proprio d'huma joven da sua idade, a quem o amor domina, e assim nam pôde sentir os passos de sua mãy, que, vendo-a tam entretida tomou a curiosidade de ver o objecto, que aquelle papel continha. Philida tinha na mam esquerda a dita carta e na direita hum retrato, que seu amante lhe dera, tirado ainda no tempo de sua juventude. Delia surpredeo a filha neste momento, e vendo hum retrato em sua mãy, Santa Virgem, exclama, que he isto? Quem te deo esse retrato? Sombra implacavel de meus remorsos! Phileno cruel, que só para asedar-me a vida foste nascido! Filha, d'onde te veio o retrato, que tens na mam? — Ah! minha mãy, perdoae á vossa filha huma falta, de que a juventude nam sôbe garanti-la! — Teu pay. . . . Philida. . . . teu pay. . . . e dizendo estas palavras cahio por terra sem sentidos. **

HISTORIA NATURAL

LIÇAM SEXTA.

O TAPIR.

19.  Eis aqui (fig. 4) o maior animal da America, d'este novo mundo, onde a natureza vivente parece ter-se mingoado, ou antes

nam haver tido o tempo de chegar ás suas mais altas dimensões. Em vez d'essas massas colossaes, que produz a terra antiga da Asia, em logar do Elephante—do Rhinoceronte—do Hippopotamo &c. &c. nam se acham nestas novas terras, senam objectos modelados em pequeno ponto; Tapirs e outros vinte vezes mais pequenos do que os, que devem comparar-se-lhes no antigo continente: e nam somente a materia he aqui prodigiosamente poupada, mas as formas mesmas sam imperfeitas e parece haverem sido despresadas ou escasseadas.

O Tapir he da grandesa d'huma pequena vacca mas sem cornos e sem cauda; as suas pernas sam curtas, o corpo arqueado, como o do porco. Tem em quanto novo huma vestidura, como o cervo, e depois huma pella-gem uniforme d'hum escuro carregado. A cabeça do animal he grossa e longa com huma especie de tromba, como o Rhinoceronte. Dez dentes incisivos e dez mollares em cada queixo sam o caracter, que o separa inteiramente do genero dos bois e dos outros ruminantes.

Parece, que o Tapir he hum animal triste e tenebroso, que só de noite sahe, que só nas agoas se regosija, onde elle habita mais tempo do que na terra. Elle vive nas Lagoas e nunca se aparta das margens das ribeiras—dos rios e dos lagos, onde elle se precepita, quando he ameaçado—perseguido ou ferido, conservando-se o tempo assaz para faser hum longo trajecto antes de tornar a apparecer. Ainda que estes habitos lhe sejam communs com o Hippopotamo, elles differem tanto pela natureza, quanto se acham separados pelo clima. Para conhecer-se esta verdade, basta comparar esta discripçam com a, que já havemos dado, do Hippopotamo.

Ainda que habitante das agoas, o Tapir nam se nutre de peixes, e, posto que tenha a boca armada de vinte dentes incisivos e cortantes, elle nam he carniceiro: vive de plantas e raizes, e nam se serve de suas armas contra os outros animaes; elle he d'hum natural docil—timido, e foge todo o combate—todo o perigo.

Apesar de ter as pernas curtas e o corpo massisso elle nam deixa de correr assaz ligeiramente e nada ainda melhor. Elle marcha ordinariamente de companhia, e algumas vezes em grandes manadas. Seu couro he d'hum tecido mui firme e tam apertado, que elle resiste á balla. Sua carne he insipida e grosseira; porém os Indios a comem. Encontra-se-o commumente no Brazil—no Paraguay—na Guiana—nas Amazonas e em toda a extenção da America meridional desde a extremidade do Chily até á nova Hespanha.

O Tapir assim como o Hippopotamo existem nos nossos gabinettes d'Historia Natural em Lisboa.

HISTORIA ROMANA.

(Continuacão do Quadro oitavo.)

Mil conselhos saudaveis sahem da boca de Tullo, os quaes no coração do joven faser o estrondo do carrancudo trovam! Numa conta suas aventuras, e ao declarar, que Hersilia lhe está promettida em casamento, o velho venerando estremece, e lhe augura mil desgraças! elle o contempla decahido já da amizade dos Sabinos—aliado aos seus verdugos!—Já suspeito a Tacio—e talvez seu inimigo, obrigado a decidir-se entre o pay da esposa e o parente—entre seu legitimo rey, vingador de seus pais, e o profanador de sua honra!—entre hum rei justo e virtuoso ou hum chefe de vandalos, que por direito só conhece a força—por virtude o valor—e cuja primeira façanha foi derramar o sangue de Remo, seu irmam! Todas estas recordações vem perturbar os ultimos momentos de sua vida; elle chega até a murmura-los. Numa o entende, e o que nam fará elle para adoçar a sorte do conservador de seus dias? Em fim elle promette a Tullo renunciar a toda alliança com Romulo—a ser sempre fiel a Tacio e aos Sabinos. Entam o velho o abraça ternamente; toda a ternura, de que he capaz o amor paternal he ali prodigalizada. . . Tullo finalmente expira allegre depois d'haver proferrido: Assaz vivi, o filho; pois que pude tornar-te o exemplo da virtude. . . Todos os rasgos d'huma piedade sincera foram por Numa desenvolvidos, rendendo os ultimos deveres ao seu caro benefeitor. Niguem houve dos, que assistiram á cerimonia, que deixasse d'acompanhar no pranto a saudade de Numa, e todos a huma voz disiam, terem perdido em Tullo o seu pay—seu amigo—a sua maior consolação—o exemplo das mais arduas virtudes! Numa, apenas foi consumado este dever, dirige para Roma seus passos. Tacio se entretinha entam em preparar aos deoses o sacrificio pela eustosa victoria; porem apenas de Numa ouvit a certesa da morte de Tullo, he indisivel a paixão, que se apoderou de sua alma. Elle abraça Numa; e, em hum transporte de dor e ternura, assim lhe diz, Niguem já me resta terra, alem de tu e minha filha, que possa adoçar os pesares e os desgostos do resto dos meus dias. . . Neste momento entra Romulo no templo e sua filha, aquelle apresenta Numa ao povo, e lhe diz, que seu valor o fiseram merecer aquella, que havia desdenhado tantos reis poderosos—sua filha. Os Romanos gritam alegres, mas os Sabinos guardam hum triste silencio e Tacia—a filha de Tacio—desfallece. . . Hersilia lança sobre ella e sobre os Sabinos hum olhar d'inquietaçam. Romulo sem comover-se

diz „ A' manhan se celebrará este augusto hymineo sobre aquelle altar, carregado de despojos da Italia; dez dias haverá jogos sollemnes „

A' palavra *jogos* os Sabinos franzem as obrancelhas, Tacio levanta os olhos ao ceo, e Numa os fixa na Terra. „ Romanos, prosegue „ Romulo, vós acabaes as honras de reconhecimento ao novo heroe, e depois eu curarei de vossos interesses. Eu acabo d'adquirir o paiz d'Auronces; mas isto he pouco, em quanto estejamos d'elle separados pelos Volscos. Submetter estes he o unico meio: logo que passados sejam dez dias marcharemos contra elles. A paz seria para vós o maior dos flagellos; vos relacharia, enfraquecendo vossos brios e corajem, e vossos invenciveis bragos. „ Os povos da Italia sam os filhos da terra. . . „ elles que a cultivem, vós sois os filhos de Marte, seus frutos vos pertencem. „ O exercito parece dar indicios d'approçam, o povo murmura, e Tacio, olhando o povo com olhos internecidos, se enche daquella energia, de que he só capaz o zelo e a virtude d'hum pay, quando vê estragar seus filhos; e, levantando seu sceptro d'ouro, assim commega: * *

DESENHO.

LIÇAM SETTIMA.

Objectos necessarios para as operações do desenho.

30. **O** desenhador deve ter = 1.º Hum album ou porta-folha em sua falta — entre este e o papel da copia se metteram trez ou quatro folhas de papel, cuja flexibilidade impedirá a fractura dos lapis finamente aparados. O estudante provendo-se d'hum assento baixo se porá em uma posiçam tal, que os joelhos lhe fiquem em frente da parte superior do ventre; e o porta-folha se collocará sobre elles, ficando bem recto. = 2.º papel commum de de 17 pol. sobre 14 pouco mais ou menos. = 3.º Bons lapis de mina de chumbo, hum mais brando para os esboços e outro mais forte para o traço puro. O lapis he bom, quando se pode aparar mui fino, e quando elle lança pontos, igualmente negros. = 4.º Hum canivete e hum pedaço de pedra pomes com humma superficie lisa para nella aguçar os lapis, evitando assim os continuos novos aparos. = 5.º Gomma elastica para apagar os traços de sobresaveis do bosquejo. = 6.º Modelos para copiar, que sejam d'humma extensam remarcavel; mas que se possam alcançar d'hum golpe de vista. = 7.º Hum compasso e humma regra.

31. Depois d'havermos dado principios tam claros e comprehensiveis, como o sam os das lições precedentes, nos julgâmos dispensado d'entrar aqui em mais detalhes sobre os modelos, que devem ser propostos aos principiantes, por quanto nam fariamos mais do que repetir o, que já fica dicto. Reservamos os mais esclarecimentos para quando tractarmos do *Desenho linear*.

PINTURA.

LIÇAM SETTIMA.

ESCURO.

19. **O** *ocre de rua*, que se collocou nos amarellos, serve a pintar de escuro-claro — de canella — e para imitar as cores de papel, mixturando-o nas argamaças: elle dá cores de madeira, mais ou menos carregadas.

A *terra de sombra* he humma terra obscura — quebradiça — mais tenra em seu estado natural do que depois de calcinada, que serve a pintar d'escuro; ella se introduz nas cores de madeira, desengordura o oleo; e, pura, se emprega para lustrar os fundos escuros.

Stil de grain escuro he uma composiçam chimica, que serve para sombrear e fazer cores transparentes. Elle deve ser de quebrar liso, e he soberbo a oleo.

A *terra d'Italia* he humma terra, que se aproxima do ocre de rua; mas mais viva — mais bella, que convem escolher-se pesada — escura por dentro; ella deve pegar-se á lingua: s' se emprega ao pincel para fazer bellas agoadas e transparencias.

COSMOGRAPHIA.

GEOGRAPHIA ASTRONOMIC — MATHEMATIC.

Conclue a antecedente liçam.

Por estas semicircunferencias a superficie da terra se acha dividida em 360 tiras largas no Equador, que terminam angularmente nos dous Pólos.

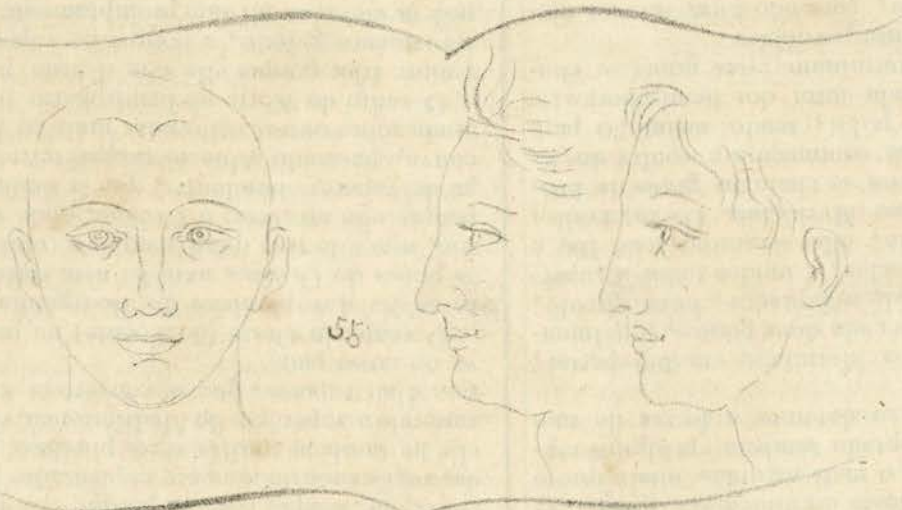
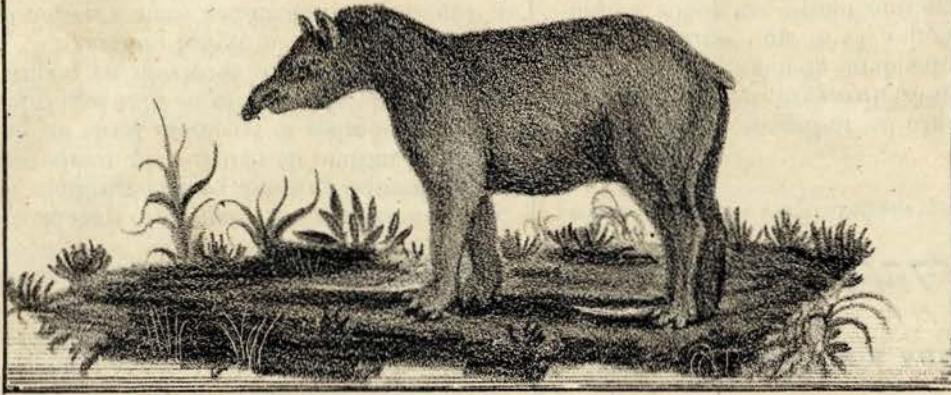
Corollario 1.º He por tanto evidente que os graus de longitude nam sam iguaes por toda a sphera: sam mais largos sobre o Equador, e vam estreitando á medida, que se avizinham dos pólos, até terminarem em hum ponto indefinido.



Lenes

Thilino e Polia.

Tapir.



54 Riso - 55 Tranquillidade.

Corollario 2.º Os graus pois á medida da proximidade dos pólos ou nam contém hum numero de legoas, igual ao das do Equador ou as nam contém de dimensam igual. O primeiro caso he o mais seguido, ainda que o segundo seja adoptado tambem em alguns reynos. (Mais abaixo daremos a forma de taes reduções).

2.º dividindo o Meridiano em 360 partes, e imaginando por cada dous pontos, igualmente separados desde o Equador, hum circulo, paralelo ao Equador, e unidos todos á superficie do spheroides, elles seram ao todo 180 e perpendiculares ao Meridiano. Os intervallos d'estes 180 circulos se chamam graus de latitude, os quaes se commegam a contar do Equador para os pólos, sendo assim 90 para cada lado em cada hum dos hemispherios; e as linhas, que terminam estes graus se chamam simplesmente *parallelos*.

Cada paralelo, cortando hum mesmo meridiano em 2 pontos diametralmente oppostos corta igualmente todos os outros da mesma maneira a distancias sempre iguaes. O total dos pequenos repartimentos, separados pelas intersecções dos parallelos com os meridianos sam ao todo 64:800 que tanto resulta de 360 meridianos multiplicados por 180 parallelos = $360 \times 180 = 64:800$.

Scholio. destes 64:800, 720 (360 em roda de cada pólo) sam triangulos; 64:080 sam trapezios, dos quaes dous lados oppostos sam secções dos meridianos e os outros dous o sara dos parallelos. Os fragmentos dos meridianos sam todos iguaes; mas os dos parallelos sam iniguaes, por quanto decrescem em proporção da proximidade dos pólos, onde elles nam sam mais que dous pontos sem dimensam alguma.

AGRICULTURA E ECONOMIA RURAL.

O CATAVENTO

Des ventos e diversas indicações de temperatura.

Hum catavento he indispensavel na cultura para conhecer-se a direcção dos ventos; porque os ventos decidem as mais das vezes da qualidade do tempo. O mesmo vento nam indica sempre o mesmo tempo em todos os paizes: a latitude do lugar — a vizinhança d'altas montanhas — do mar — das vastas campinas aridas ou saibrosas produzem resultados differentes e muitas vezes oppostos na direcção dos ventos.

No interior das terras he particularmente a situação das montanhas e a direcção dos val-

les, que ellas formam, que occasionam a variação dos ventos e da temperatura.

O vento do sul no hemispherio boreal (do Norte) he sempre quente, porque elle nos vem das regiões continuamente esquentadas pelo sol; elle he tambem muitas vezes pluvioso; porque, varrendo a superficie do Mediterraneo, elle acarreta d'ali vapores, que se convertem em chuva no nosso paiz.

O vento do Oeste (do Poente) na parte posta ao N. das planicies de Bourgonha e sobre as praias do Oceano, nam he nem quente nem frio, mas elle traz quasi sempre nuvens e agoa; porque elle atravessa o Oceano, onde se carga de vapores abundantes, que se desfasem em chuva, passando sobre as nossas terras e mais ainda sobre outras collocadas mais ao N.

O vento do Norte no hemispherio boreal he sempre frio; porque elle vem d'hum paiz continuamente gelado, e porque os vapores, que podem elevar-se ali sam promptamente convertidos em neve.

Taes sam as regras geraes, deduzidas da direcção dos ventos; mas ellas falham algumas vezes por perturbações accidentaes da atmospheria, e cujas causas, mais ou menos complicadas, sam pela maior parte desconhecidas. Neste caso recorre-se aos prognosticos, que sam o resultado de numerosas observações, para descubrir os signaes particulares, simples ou complicados, que precedem as mudanças, que se preparam na atmospheria. O conhecimento d'estes signaes forma a sciencia dos prognosticos, dos quaes daremos alguns exemplos.

„ Quando as abelhas se apartam pouco do cortico, he sinal de chuva; e o mesmo, quando ellas chegam em tropel antes da noite sem estarem bem carregadas.

„ Quando as moscas picam — se tornam mais importunas que d'ordinario, e que as abelhas estam bravas e attacam os, que se approximam d'ellas, he hum indicio de tempestade.

„ As corujas, que se ouvem gritar durante o mau tempo, annunciam a volta do bello tempo.

„ Quando os corvos grasnam de manha, he signal de bom tempo.

„ Quando os patos voam aqui e acolá durante o bom tempo gritando, e se mergulham n'agoa, he hum indicio de chuva e de tempestade.

„ Se os pombos se recolhem tarde ao pombal, he signal de chuva para os dias seguintes.

„ Se as gallinhas se revolvem na pocira, mais que de costume, he signal de chuva.

„ Quando as andorinhas voam rastejando á terra e ás agoas ellas annunciam chuva.

„ Se as rans coaxam mais tempo que d'ordinario; se os çapos sahem á noite em grande numero; se os vermes sahem da terra em abundancia, he signal de chuva.

„ Quando as toupeiras lavram mais que de costume, ellas annunciam chuva.

„ Se as estrellas perdem parte do seu brilhantismo, sem que appareçam nuvens, he signal de tempestade.

„ As coroas ou os circulos esbranquiçados, que se mostram em roda do sol-dalua e das estrellas, sam hum signal de chuva.

„ Quando ao pôr do sol nuvens se formam ao Oeste e se coram de vermelho, isto indica assaz geralmente vento ou tempo secco.

„ As nuvens que depois da chuva baixam junto da terra, e parecem rolar nos campos, sam signal de bello tempo.

„ Se vem nevoa durante o máo tempo, este vae logo cessar; mas se a nevoa vem durante o bello tempo, e que ella se eleva, deixando nuvens, o máo tempo he certo.

„ Quando o Horizonte está sem nuvens e o vento he norte, pode assegurar-se bello tempo.

„ Se depois d'haver ventado sobrem hum gelo branco, que se dissipa em nevoa, he hum signal de máo tempo e doentio. Sobre o clima da França e mesmo sobre o nosso o vento Sud-Oeste he aquelle, que mais vezes traza chuva, e o vento d'Este o, que traz hum bello tempo; mas secco e frio.

„ Quando o vento muda frequentemente de direcçam, he sinal de tempestade.

„ O gelo, que commença por hum vento Nord-Este dura ordinariamente longo-tempo, se torna mui forte.

„ Pequenas nuvens brancas, que passam diante do sol, quando elle está perto do Horizonte, e ali se coram de vermelho—amarello ou verde &c., annunciam chuva.

VARIÉDADES RECREATIVAS.

A IRRELIGIAM E O PHANATISMO.

O justo meio, que devia reger todas as molas da existencia do homem social, tem, como todas as mais bellas instituções, estado sujeito aos tiros da versatilidade dos corações humanos. Em huns o obscurantismo, em outros a incredulidade, (em todos o prejuizo) ... eis aqui (no ultimo caso) a taça, d'onde se tem propinado o lethifero veneno, que, lavrando mais ou menos latente, mais ou menos descoberto nas veias das sociedades as tem extinguido ou degenerado! Vamos agora esclarrecer estes principios, e veja-se, que conclusam podemos tirar.

Nam vamos nós analysar a religiam, como vinda lá do filho de Deus do Catholicismo: queremos formar hum argumento logico somente, e para isso basta, que consideremos a religiam, como huma institução sabia social (sem prejuizo da sua aliás primitiva ori-

gem, que sinceramente reconhecemos). *Lex et religio junxerunt fœdera, pravas illa manus ista mentes comprimit.* Aqui está pois para nossos argumentos estabelecida a base, que devia sustentar o edificio social.

A lei e a religiam sam essa base entremos na resenha de seus beneficios resultantes. Ninguem ha ahí, que possa desconhecer a necessidade da lei em todos os corpos collectivos. A lei assegura-nos a propriedade do, que justamente nos pertence—tira-nos o, que usurpamo para entrega-lo ao seu verdadeiro dono—livra-nos da oppressam do grande orgulhoso, ensina-nos a olhar o pequeno humilde, como hum ente igual a nós, como hum membro da sociedade, e por huma parte, que cedemos da nossa liberdade natural a bem da sociedade, lá temos nesta a segurança e a protecçam, que equivalem a essa perda. A lei nos estados livres he a expressam da vontade de seus membros, e d'aqui se segue, que o homem, obedecendo á lei, obedece á sua propria vontade; sublimada e meliorada com reflexões (por si ou por seus eleitos); e, se na expressam da vontade geral entrou a sua como parte, essa obediencia, que o homem lhe presta, longe d'avilta-lo, pelo contrario o ennobrece tanto, que em si mesmo põe em parallelismo o escravo e o senhor. Ainda quando nam bastassem estas qualidades tam sublimes, que constituem os fundamentos da lei; teriamos ainda a considerar sua salubridade, quando ella corrige o erro—reprime o vicio—pune com severidade o crime, collocando assim os bons ao abrigo das influencias dos malfieitos. Vê-se pois, que a lei seria inutil, se fosse dabil a prohibidade em todos os homens.

Mas o imperio da lei nam podia, só, estender-se por toda a parte: por exemplo, se nós intentassemos matar nosso semelhante, nam havendo leis que tal prohibissem, o fariamos: nós saciaríamos nossa sede de flagicios em qualquer parte e a qualquer hora; que o encontrassemos, porém, estando marcada na lei a pena de morte ignominiosa ao, que mata, como a pesar do remorso nós desejamos conservar a nossa existencia, esperaríamos occasiam oportuna á nossa pravidade, e lá em hum logar remoto e recondito, lá onde nam possamos ser aperebidos nós sacrificâmos á nossa raiva a desgraçada victima; e como nam tivemos testemunhas do crime nos retirâmos impunes sem temer a energia da lei para sonhar talvez novos meios d'exercer nossa atrocidade. A lei pois, devendo só abranger os casos provados, fica plenamente claro, que ella nam basta a manter a segurança social.

Nam bastando o freio da lei a conter todas as maldades possiveis ao homem, pois que esta só pode, quando muito, conter o braço do assassino, já se vê a necessidade, que

havia d'hum outro poder, cujo imperio se extendesse pela praça publica — pela solidam — pelas cavernas e sinuosidades — pelos campos — valles e montanhas — pela luz e pelas trevas — e pelos altos mares e amphraetuosidades dos rochedos em fim por toda a Terra. Este poder, para que acompanhasse o homem por toda a parte, e fosse d'elle inseparavel ou antes o regulador de suas accões, era necessario que lhe habitasse o coração — centro de todas as vontades ou de todas as paixões. Este poder devia ser sem duvida huma crenga recta e sublime, que, pesando na balança infallivel da consciencia, regulasse pelas commodidades proprias — pelo sentimento do bem-estar, commun a cada homem, as accões, que o espirito (quasi sempre irreflectido) do homem optasse dirigir a seu semelhante. A rasam parece logo á primeira vista propria a exercer suas funcções; porem mais reflectidamente veremos, que ella nam basta. Se a rasam fosse comum a todos os homens, ella sim bastaria; mas ella quer ser desenvolvida por mais ou menos raciocinios, nem todos estam no caso de raciocinar; e alem d'isso ella he sempre arma impotente nos dominados pelo genio do mal e da ambiçam, que, fracos para resistir ás tentações malevolas, continuamente a sacrificam e a submettem aos impulsos do espirito para estes nam há as duas leis do *Espirito e da rasam* — que o homem sabio conhece em si para sacrificar hum á outra, quando aquelle apetece o injusto.

Se pois, conforme o exemplo, que já estabelecemos, o temor da lei nos susteve o braço assassino em hum lugar publico, e nós procuramos o recôndito para ali impunemente obrar o mal, claro fica, que só havendo em nós mesmos hum estimulo occulto — hum brado superior a paixão sanguisedenta, que nos devora, poderemos entam abandonar o intento e deixar incolume o ente, que nossa raiva havia endigitado. Este estimulo deve sem duvida ser mais commum e mais facil do que a rasam, e ao qual o sentimento do homem se habitue desde a infancia; e elle nam pode ser outra cousa que a Religiam. A Religiam coloca o homem na alternativa d'esperar e temer: quando, por exemplo, obramos bem, nossa alma sublima-se, o praser se derrama por todas nossas sensações, o pensamento se nos eleva até Deos e a esperanza de recompensa dardeja nosso coração. Pelo contrario, quando obramos mal, o remorso nos persegue incessantemente e nós tememos hum futuro horrivel. A Religiam além d'isso nutre n'alma do homem huma coragem na adversidade e nos sofrimentos e pode faser-nos saborear d'antemam a pena, que de futuro aguardamos ao despota desenfreado — ao ministro violador das leis — ao juiz venal — ao agiota usurario — e ao mal-

feitor; e nam he de tam pequena monta no meio dos males, que nos vexam, a esperanza de vermos aniquilada a origem d'elles. Vê-se pois, que a religiam he a mais solida base do edificio social.

O fundo das capacidades humanas he o mais insondavel de todos os pelagos! O genio — a criaçam — a educaçam moral — os tempos — os estados — e em fim as occasiões sam agentes bastantemente poderosos, para gerar capacidades no homem. O homem tudo subverte! e seu genio vicissitudinario he capaz de passar atravez do infinito! lá, onde nam chega a sphera de suas possibilidades, o pensamento penetra! Dominado pela ambiçam do ouro e mando, elle tem assolado a terra abusando das leis, elle tem escravizado seus iguaes; e tornado-se senhor despotico de sua vida e bens! Arrastado da cegueira de suas crengas irreflectidas, elle tem desacreditado as differentes religiões da terra, alterado a sua pureza, disseminando nellas dogmas ridiculos, que a boa rasam e os tempos negam positivamente. A estes excessos se chamou o phanatismo, mal tam prejudicial á pura essencia da nossa Religiam, que só elle tem podido formar atheos por duplicada maneira. O homem que tem em si uma crenga debil, se chega a analysar os ridiculos, com os quaes as esquentadas cabeças dos phanaticos tem affectado a Religiam Santa de J. C., acaba por negar os effeitos, chega a duvidar da causa eis hum atheo. O homem phanatisado e d'huma crenga, a quem falece a coragem para combater as paixões e a propria sede de maldades, vive em continuo remorso, sente por toda a parte a puniçam irremediavel, julga algado sempre o tremendo braço da severa justiça da Divindade, e, horrorizado de suas maldades, se chega a extinguir n'alma a esperanza da misericordia do Senhor, lança-se a olhos vendados na carreira da perdiçam eis outro atheo, mas que atheo?! O dia da consumaçam d'este malvado a natureza deveria vestir-se de lucto! he mais hum flagello para dilacerar-la! mais huma vibora, que vaé cuspir su venenosa baba no coração da sociedade!

Ainda d'entre os primeiros pode a rasam e a moral reprimir (em alguns) os prejuizos da irreligiam; mas nos segundos nam se opera jamais hum semelhante phenomeno **

VERDADE INCONTESTAVEL.

Os grandes empregos publicos sam mui semelhantes aos alcantilados pinhacos; onde só os reptis podem chegar.

PROGRAMMA.

PARA A EXPOSIÇÃO DOS PRODUCTOS DE INDUSTRIA NACIONAL, QUE A SOCIEDADE PROMOTORA TENCIONA APRESENTAR AO PUBLICO NO LOCAL DA MESMA SOCIEDADE, NO EXTINCTO CONVENTO DOS PAULISTAS, NO ANNO DE 1840.

1.º A Sociedade Promotora da Industria Nacional comvida todos os Fabricantes, Artistas, Proprietarios d'officinas, Laboratorios, e Curiosos, tanto da Capital como das Provincias, a concorrerem com os productos da sua industria e engenho á exposiçam que a Sociedade pretende apresentar ao publico.

2.º Nesta exposiçam poderam concorrer quaesquer productos de Industria Nacional (e como taes sam igualmente considerados os artefactos fabricados em Portugal por Artistas estrangeiros) ainda mesmo os que já figuraram na exposiçam do anno de 1838.

3.º A exposiçam dos artigos de industria Portugueza, que a Sociedade poder obter, será aberta ao publico no dia 19 de Julho proximo, e continuará em todos os dias successivos até ao dia 30 do mesmo mez.

4.º Os Fabricantes e Artistas, que quizerem concorrer com os productos de sua industria o faram, levando-os, ou mandando-os á Secretaria da Sociedade no pavimento superior do extincto Convento dos Paulistas, todos os dias (nam santificados) depois da publicaçam deste Programma, desde as dez horas da manhã até ás duas da tarde, e isto até ao dia 11 de Julho inclusivamente.

5.º Os apresentantes de quaesquer productos destinados á exposiçam, receberam no acto da entrega destes hum recibo assignado pelo Ajudante do Secretario, e rubricado pelo Secretario do Conselho Administrativo da Sociedade, no qual será designado o objecto recebido, de quem recebido, e quaesquer outras clarezas, que o apresentante exigir.

6.º A Sociedade, pelo recibo de que acima se trata, responsabilisa-se por qualquer extravio ou deterioraçam, que os objectos apresentados possam ter no decurso da exposiçam.

7.º He permitido aos Proprietarios de quaesquer productos apresentados, ou a pessoas que para isso elles queiram nomear, o fazer durante a exposiçam quaesquer explicações que julgarem convenientes, relativas aos respectivos productos; podendo para isso os mesmos proprietarios ou as referidas pessoas, permanecer junto dos objectos que lhe dizem respeito, ou virem quando quizerem ao local da exposiçam para fazer aquellas explicações,

8.º Se os apresentantes de productos para a exposiçam, julgarem conveniente fazer quaesquer declarações ou observações relativas aos productos da sua industria etc. apresentando-as por escripto, ou fazendo-as verbalmente no acto da entrega, estas se faram igualmente patentes no decurso da exposiçam.

9.º Os Fabricantes ou Artistas que nam quizerem que seus nomes sejam publicos, poderam guardar o anonymo.

Lisboa. Sociedade Promotora da Industria Nacional, 15 de Maio de 1840.

ANECDOTAS.

Certa ronda, encontrando hum homem embuçado em hum capote, lhe perguntou: Quem he vosse? — Hum grande personagem. — Entam he algum principe? — Parriba, parriba! — Entam he rey? — Parriba! — parriba! — Imperador? — Parriba! parriba! — Vosse zomba da ronda, está preso. — Nam, senhor, sou sobrinho do S. S. Sacramento, por que meu pay era irman.

Certo Capitam-Mor, perguntando a hum camponez para onde hia, este lhe respondeo bruscamente: Nam sei. Irado o Capitam-Mor por causa da resposta, ordenou, que fosse preso. Entam o camponez humildemente lhe tornou: Veja V. S. que eu nam o euganei, por quanto nam sabia que hia para a cadeia. Esta resposta fez rir o Capitam-Mor que revogou a ordem.